

Alunos ficam livres do provão

Davi Zocoli



Em Sobradinho, estudantes trocam provão por seminários e professores passam a ter maior liberdade para introduzir outros tipos de avaliações

O Centro Educacional nº 2 de Sobradinho aboliu o “provão” da vida dos seus 1.700 alunos. O sistema de “provão” existe na maioria das escolas e consiste em reservar uma semana, a cada bimestre, para a realização de provas de todas as disciplinas. O processo de avaliação, agora, é feita a critério dos próprios professores e eles têm a liberdade até para introduzir outras formas de avaliar seus alunos.

A professora Elizabete Vieira das Virgens, que ensina Psicologia para turmas do Curso de Magistério, por exemplo, não aplica mais a prova tradicional para seus alunos. “Nunca gostei desse tipo de avaliação. É contra meus princípios. A prova só traz ansiedade para o aluno e em muitas situações gera fracasso”, resume. “Quando opto pela prova recomendo que seja feita de dupla para promover o debate, o questionamento”, diz.

Ao invés de prova, a professora lançou mão de um seminário para avaliar seus alunos da turma do 2º B. O tema proposto foi sobre as cinco teorias do desenvolvimento humano. O grupo responsável pela teoria freudiana brilhou na última terça-feira quando apresentou o trabalho e despertou, por meio do jogo da velha, o interesse de toda turma pelo debate sobre as fases oral, anal, fálica, latência e complexo de Édipo.

“Foram eles que fizeram o planejamento do trabalho, a forma, a explanação e a condução do debate. Eu estou aqui apenas como mediadora”, explicou a professora Elizabete para mostrar que esse tipo de avaliação é muito mais eficaz do

que uma “provinha de memorização”. “O que eles aprenderam hoje (terça-feira) não vão esquecer”, mostra.

A aluna Larissa Lobato, 16 anos, afirma que a lição apreendida com a tarefa de conduzir o debate vai ser de grande utilidade para sua futura profissão. “Conduzi bem o debate porque já estamos habituados com esse tipo de trabalho”, disse.

A vice-diretora da escola, professora Sueli da Silva Aguiar Félix, explicou que foram os próprios professores que decidiram pelo fim do provão. Além de reduzir a carga horária das aulas, o provão estava provocando danos emocionais em muitos alunos. “Muitos vomitavam, tinham tontura em época de provão”, constata. Sueli explicou que a avaliação por meio de prova não foi extinta, mas acrescentou que a prova tradicional está cada vez mais sendo desprezada. “Nossos professores estão elaborando provas operativas, para o aluno pensar e não apenas marcar x”, disse.

A professora de Didática de Matemática, Zildete Chaves Silveira, também defende o fim do “provão”. Ela disse que o sistema era perverso para o aluno do Magistério que estuda 15 disciplinas. “Na semana de provão ninguém prestava atenção às aulas. Os alunos apenas se preocupavam em estudar as matérias que tinham mais dificuldades. Além disso o professor tinha que ceder sua aula para o colega aplicar sua prova”, destaca. Zildete afirma que, além das provas, avalia diariamente seus alunos em qualquer atividade que eles façam e até pela participação nas aulas.

NO CAMINHO CERTO

“A escola está avançando no processo de avaliação”, constata o assessor do Departamento de Pedagogia da Fundação Educacional, professor Carlos Mota. Para Mota, a avaliação dos alunos precisa ser revista urgentemente porque ela tem que ser dada ao longo do processo educativo e não num momento estanque como ocorre com uma prova, de caráter classificatório e que leva a excluir ou sentenciar, aprovar ou reprovar.

O projeto pedagógico do Centro Educacional nº 2, portanto, está em consonância com o processo de avaliação proposto pela Escola Candanga, que considera a forma tradicional de se avaliar superficial. A FEDF vem questionando a razão dos altos índices de repetência e evasão escolar. Num artigo, publicado no Cadernos da Escola Candanga, sobre uma nova perspectiva de avaliação, os dirigentes da FEDF fazem as seguintes indagações: “Será que os altos índices de repetência e evasão escolar residem unicamente na falta de base do aluno? Ou deve-se, também, à maneira pela qual o trabalho pedagógico é organizado na escola?”

Ainda segundo o artigo, de mil alunos que ingressam nas escolas públicas do Distrito Federal apenas 400 concluem o ensino fundamental. E, de acordo com dados do Sistema Brasileiro de Avaliação em Educação Básica (Saeb), 96% dos professores possuem graduação em nível superior. Pelos dados, a própria FEDF constata que o nível formal do corpo docente é bom, porém o rendimento do aluno, tanto nos aspectos quantitativos quanto nos qualitativos, é catastrófico.